FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland

EDITORA
UnB

Diretor
Alexandre Lima

Conselho Editorial
Presidente
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli

Arquivo disponível em
http://wado.us

NOVOS ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS

ARYON DALL'IGNA RODRIGUES
ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL

(*Organizadores*)

EDITORA
UnB

ĩkyẽ kõ ĩkye ka =ø =kuɨ rõ
eu COM eu IRR=1SG.NOM=ir NEG
'ou você vai comigo ou eu não vou'.

4. Considerações finais

Como podemos obsevar, Panará é uma língua com partícula sim/não, mas que apresenta fortes evidências de movimento sintático de palavra QU, sendo, pois, aparentemente, um contra-exemplo à proposta de Chen (1991). Os resultados aqui apresentados sugerem que a proposta de Baker (1970), de acordo com a qual "apenas línguas que colocam suas partículas para interrogativas sim/não em posição inicial da oração permitem uma regra de movimento para constituintes questionados" encontra respaldo nos dados do Panará. Acrescenta-se ainda que Baker observa que os dados de Greenberg (1966) sugerem um estreito relacionamento entre a posição de partículas interrogativas sim/não e a posição de palavras-QU.

Referências bibliográficas

BAKER, C. *Notes on the description of English*. Questions. Foundations of Language 6:197-219, 1970.

CHENG, L. *On the Typology of Wh-Questions*. Tese de Doutorado, MIT, 1991.

DOURADO, L. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese de doutorado, UNICAMP, 2001.

GREENBERG, J. Some Universals of Grammar With Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. *Universals of Language* (J. H. Greenberg, ed.), pp. 73-113. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1966.

8

Análise morfológica de um texto Karajá

Eduardo Rivail Ribeiro

0. Introdução

Este trabalho discute vários tópicos da morfologia Karajá (Macro-Jê)[1], ilustrados através da análise de um texto da mitologia

[1] O Karajá é uma língua Macro-Jê falada ao longo do Rio Araguaia, nos Estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará, por cerca de três mil indivíduos. Há quatro dialetos: Karajá do Sul, Karajá do Norte, Javaé e Xambioá. Estudos anteriores incluem Fortune & Fortune (1963, 1964, 1975), Fortune (1973), Maia (1986[1998]), Cavalcante (1992), Viana (1995), Ribeiro (1996), Borges (1997) e Fialho (1998). Os dados neste artigo são apresentados em transcrição fonética (primeira linha, em itálico) e fonológica (segunda linha). Para detalhes sobre a fonologia do Karajá, ver Fortune & Fortune (1963), Cavalcante (1992) e Ribeiro (2000, 2002a). Para detalhes da morfologia verbal, ver Ribeiro (1996, 2001, 2002, 2002d). O título do presente trabalho é um 'plágio-homenagem' a Aryon Dall'Igna Rodrigues (vide Rodrigues 1952), que, ao lado de Marita Pôrto Cavalcante, co-orientou a dissertação de mestrado na qual este estudo se baseia (Ribeiro 1996). O autor gostaria de expressar seus sinceros agradecimentos a ambos, pela orientação sólida e competente. Agradecimentos são igualmente devidos aos Karajá, pela sua generosidade e hospitalidade, e a Mônica Veloso Borges, por valiosos comentários. Quaisquer erros no presente trabalho são, naturalmente, da inteira responsabilidade do autor. Cópias do material fonográfico contendo o texto aqui analisado estão arquivadas na Seção de Etnolingüística do Museu Antropológico da UFG, estando disponíveis aos pesquisadores

tradicional deste povo indígena do Brasil Central. A análise aqui apresentada, baseada em Ribeiro (1996), diverge de estudos anteriores (Fortune & Fortune 1964, Fortune 1973, Maia 1986 [1998], Wiesemann 1986) em vários aspectos. Por exemplo, Wiesemann (1986:370), baseando-se em dados dos Fortune, afirma que há 'total fusão' entre as categorias flexionais do verbo Karajá. Tal fusão, porém, restringe-se a poucos casos, a maioria dos quais podem ser explicados por regras morfofonêmicas regulares (2.8). Em vez da 'total fusão' descrita por Wiesemann (e aceita, implícita ou explicitamente, por Maia (1986) e os Fortune), a análise aqui adotada revela um rico sistema flexional, com implicações interessantes para a teoria morfológica (Ribeiro 2001, 2002). Além de vários aspectos da gramática Karajá, o texto analisado permite ilustrar interessantes fenômenos morfofonêmicos (como harmonia vocálica), discursivos (o abundante uso de marcadores atitudinais) e sociolingüísticos (diferenças entre as falas feminina e masculina).

1. Informações preliminares

O Karajá é uma língua SOV, com marcação no núcleo, cuja morfologia verbal tem sido tradicionalmente descrita como um sistema bastante irregular de prefixos 'fundidos' indicando pessoa, aspecto, objeto e direção (Fortune & Fortune 1964, Wiesemann 1986, Maia 1998). Contudo, uma análise mais cuidadosa revela uma morfologia

interessados para consulta. Os dados no presente estudo representam os dialetos Karajá do Sul e Karajá do Norte, mas a análise aplica-se a todos os quatro dialetos. Abreviações e símbolos: ♀ 'fala feminina'; ♂ 'fala masculina'; ADM 'admoestativo'; AL 'alativo'; ANTEC 'antecipador fático'; ANTI 'antipassiva'; COMP 'compaixão, pena'; CONT 'continuativo'; CONV 'marcador de converbos'; COR 'co-referencial'; CTFG 'direção centrífuga'; CTPT 'direção centrípeta'; DEM demonstrativo; DESCR 'partícula descritiva'; DELIB 'deliberação'; ENF 'partícula enfática'; FUT 'futuro'; IMPF 'imperfectivo'; INDEF 'artigo indefinido'; INSTR 'instrumental'; INTER 'partícula interrogativa'; INTR 'intransitivo'; LOC 'locativo'; NAR 'partícula narrativa'; NEG 'negação'; NOM 'nominalizador'; PART 'partícula' (significado desconhecido ou impreciso, por enquanto); PERF 'perfectivo'; PL 'plural'; POT 'potencial'; PROGR 'progressivo'; REDUP 'reduplicação'; REFL 'reflexivo'; REL 'prefixo relacional'; TRANS 'transitivo'; VERB 'sufixo verbalizador'; VOC 'vocativo'. Algarismos romanos indicam a classe lexical a que um determinado tema pertence.

um tanto regular, predominantemente aglutinante. Além de *pessoa* e *modo*, marcados por duas séries mutuamente exclusivas de prefixos *portmanteau*, o verbo Karajá apresenta prefixos claramente segmentáveis indicando *valência* e *voz* (ativa, passiva e antipassiva) e *direção* (centrípeta e centrífuga). Todo verbo em Karajá é marcado para concordância com o sujeito, direção (centrípeta ou centrífuga) e voz/valência. Além disso, objetos diretos pronominais são obrigatoriamente incorporados ao verbo. A distribuição dos morfemas na palavra verbal é ilustrada pelo exemplo abaixo:

(1) ♀ *ɗadɪwarakoɗe*
ɗa-d-ɪ-wa-rakɔ=ɗ-e
2-CTPT-TRANS-1-esperar=2-IMPF
'Você me esperou (para cá).'

1.1. Pessoa

A marcação de concordância pessoal apresenta um padrão essencialmente nominativo, uma vez que a concordância se dá sempre com o sujeito, seja com verbos transitivos (como *θʊhɔ* 'lavar') ou intransitivos (como ♀ *rika* 'andar', ♂ *ria*), que recebem as mesmas séries de prefixos pessoais (Tabela 1). Os marcadores de concordância pessoal distribuem-se em duas séries, uma ocorrendo no modo realis (presente e passado) e a outra no modo irrealis (futuro, potencial e admoestativo).

Tabela 1. Marcadores de concordância com o sujeito

Pessoa	*Realis*	*Irrealis*
1ª	*a-*	♀ *ka-*/♂ *a-*
2ª	*ɗa-*	*bə-*C, *b-*V
3ª	*Ø-*	*Ø-*; *kə-*/♂ *ə-*

(2) a. ♀ *kraritʃakre*
ka-ɾ-a-rika=kəre
1-CTFG-INTR-andar=FUT
'Eu vou andar.'

b. ♀ *kariθuhokre*
ka-ɾ-ɪ-Ø-θʊhɔ=kəre
1-CTFG-TRANS-3-lavar=FUT
'Eu vou lavá-lo.'

As mesmas séries de prefixos pessoais ocorrem no singular e no plural. Há também distinção entre uma primeira pessoa plural exclusiva (marcada pelos mesmos prefixos usados para a primeira pessoa singular) e uma primeira pessoa plural inclusiva (que apresenta flexão de terceira pessoa). O prefixo de terceira pessoa *kə-* é restrito à direção centrípeta do modo realis: *kə-d-ɪ-∅-wi=kəre* 'ele vai trazê-lo' (versus *∅-ɪ-ɪ-∅-wi=kəre* 'ele vai levá-lo').

1.2. Valência e voz

Em Karajá, verbos são lexicalmente transitivos ou intransitivos, havendo vários mecanismos morfológicos para a alteração da valência original. Todos os verbos transitivos são marcados pelo prefixo *ɪ-* (2b), enquanto a maioria dos verbos intransitivos são marcados pelo prefixo *a-* (2a), ou por um alomorfe zero.[2] Sob certas circunstâncias (vide 2.6), marcadores de voz e valência podem fundir-se fonologicamente com marcadores de pessoa.

Verbos transitivos podem se tornar passivos (resultando na supressão do sujeito original e a concomitante promoção do objeto a sujeito) ou antipassivos (resultando na supressão do objeto). As diferentes vozes são indicadas por prefixos mutuamente exclusivos: verbos transitivos, como vimos, são marcados pelo prefixo *ɪ-*, verbos passivos são marcados pelo prefixo *a-* ou por um alomorfe zero (aparentemente, os mesmos afixos que marcam a grande maioria dos verbos basicamente intransitivos; vide 2.4) e verbos antipassivos são marcados pelo prefixo *ɔ-*:

(3)a. *rɪθʊhɔrɛrɪ*
∅-r-***ɪ***-∅-θʊhɔ=r-ɛrɪ
3-CTFG-***TRANS***-3-lavar=CTFG-PROGR
'Ele/ela o/a está lavando.'

b. *raθʊhɔrɛrɪ*
∅-r-***a***-θʊhɔ=r-ɛrɪ
3-CTFG-***INTR***-lavar=CTFG-PROGR
'Ele/ela está sendo lavado.'

c. *rɔθʊhɔrɛrɪ*
∅-r-***ɔ***-θʊhɔ=r-ɛrɪ
3-CTFG-***ANTI***-lavar=CTFG-PROGR
'Ele/ela está lavando (algo).'

[2] No texto aqui analisado ocorrem dois outros marcadores de verbos intransitivos, *ʊ-* e *ɛ-*, que são bem menos produtivos.

Por outro lado, verbos intransitivos podem ser transitivizados através da promoção de oblíquos e, mais comumente, causativização. [Exemplos de causativização são dados na discussão do texto abaixo; para exemplos adicionais de transitivização, vide Ribeiro 2001.] Vários verbos que seriam transitivos em português são intransitivos em Karajá. Por exemplo, o verbo *bɔhɔ* I 'ser quebrado' é intrinsecamente passivo, requerendo morfologia derivacional para ser usado transitivamente. O verbo *obi* II 'ver', cujos objetos são marcados pela posposição *bə̃* 'locativo difuso' (10a,b), também é morfológica e sintaticamente intransitivo.

1.3. Incorporação nominal

Além disso, o Karajá apresenta incorporação nominal, um fenômeno ignorado nas análises anteriores. Em geral, apenas nomes que se referem a partes do corpo podem ser incorporados. Com a incorporação do nome, seu possuidor é promovido a objeto direto (no caso de verbos transitivos) ou a sujeito (no caso de verbos intransitivos inacusativos). A valência do verbo, portanto, não é alterada:

(4)a. ♀ *nadɪ* *waritʃɔrɛ* *radɛ* *rɪkrɔrɛrɪ*
d-ãdɪ wa-rikɔrɛ ***radɛ*** ∅-r-ɪ-∅-***kərɔ***=r-ɛrɪ
REL-mãe 1-filho ***cabelo*** 3-CTFG-TRANS-3-***cortar***=CTFG-PROGR
'Minha mãe está cortando o cabelo do meu filho.'

b. ♀ *nadɪ* *waritʃɔrɛ* *rɪradɛkrɔrɛrɪ*
d-ãdɪ wa-rikɔrɛ ∅-r-***ɪ***-∅-***radɛ-kərɔ***=r-ɛrɪ
REL-mãe 1-filho 3-CTFG-*TRANS*-3-***cabelo-cortar***=CTFG-PROGR
'Minha mãe está cortando o cabelo do meu filho.'

1.4. Classes lexicais

Raízes verbais e nominais dividem-se em duas classes morfológicas principais, arbitrariamente denominadas classe I e classe II.[3]

[3] De fato, não tão arbitrariamente assim. Tal terminologia segue a tradição inaugurada pela análise que Rodrigues (1953) faz do Tupinambá, dividindo as raízes desta língua em duas classes de temas, a classe I, "cujos temas não recebem prefixo de

Com temas nominais, a principal diferença entre ambas as classes lexicais encontra-se nas diferentes séries de prefixos com que temas de uma e outra ocorrem (Tabela 2). Enquanto a série de prefixos da classe I distingue entre uma terceira pessoa co-referencial com o sujeito (*ɗa-wihi* 'sua própria flecha') e uma terceira pessoa não co-referencial (*i-wihi* 'sua flecha'), a série de prefixos da classe II apresenta apenas um prefixo de terceira pessoa, que cobre ambos os significados (*ɗ-ʊahɪ* 'seu remédio; seu próprio remédio').

Tabela 2. Prefixos possessivos

Pessoa	*Classe I*	*Classe II*
1ª.	*wa-*	*wa-*
2ª.	*a-*	*Ø-*
3ª.	*i-*	*ɗ-*
3ª.COR	*ɗa-*	

Além disso, raízes da classe II apresentam um 'prefixo de ligação' *ɗ-* na primeira pessoa e quando precedidas por um possuidor nominal.[4] A distribuição deste prefixo lembra a dos chamados 'prefixos relacionais', que indicariam a contigüidade de um tema com relação a seu determinante (ou seja, um nome com relação a seu possuidor, uma adposição com relação a seu objeto, um verbo transitivo com relação a seu objeto direto e um verbo intransitivo com relação a seu sujeito; cf. Rodrigues 1994). Prefixos relacionais foram inicialmente descritos como uma peculiaridade gramatical das línguas Tupí-

relação", e a classe II, "cujos temas recebem prefixo de relação". Como nas línguas Macro-Jê aqui discutidas (bem como em outras línguas do tronco Tupí e da família Karíb; Rodrigues 1992), "à classe I pertencem todos os temas começados por consoante ou semivogal e parte dos temas começados por vogal; à classe II pertencem só temas começados por vogal" (Rodrigues 1953:123). Casos em que prefixos relacionais ocorrem com raízes começadas por consoante são claramente inovações recentes. Tal é o caso da raiz para 'dente' em Jê, reconstruída como **cwa* (forma que inclui o prefixo relacional) para o Proto-Jê (Davis 1966:20). Considerando-se o comportamento morfológico desta raiz na maioria das línguas Jê atuais, bem como seus prováveis cognatos em outras línguas Macro-Jê (como o Karajá; vide Tabela 4), é provável que uma reconstrução mais adequada seria **ua*.

[4] O prefixo relacional e o marcador de terceira pessoa são palatalizados quando seguidos de vogal alta [+ATR], sendo pronunciados como [dʒ] e [tʃ], respectivamente (cf. Ribeiro 2000:86-88). Além disso, o prefixo relacional tem dois alomorfes cuja distribuição não parece ser condicionada fonologicamente, *ɗ-* (como em *ɗ-ɛbɔ* 'mão') e *l-* (como em *l-ʊahɪ* 'remédio'), cuja escolha é sujeita a certas variações dialetais.

Guaraní e sua ocorrência em línguas da família Karíb e do tronco Macro-Jê (bem como em línguas de outras famílias do tronco Tupí) tem sido apontada como evidência para o relacionamento genético entre estes três grandes grupos lingüísticos (Rodrigues 1994).

Tabela 3. Raízes nominais da classe I

	'flecha'	'irmão mais novo'	'machado'	'olho'
'do homem'	*hãbu wihi*	*hãbu esi*	*hãbu wobã*	*hãbu ruɛ*
1ª.	*wa-wihi*	*wa-esi*	*wa-wobã*	*wa-ruɛ*
2ª.	*a-wihi*	*a-esi*	*a-wobã*	*a-ruɛ*
3ª.	*i-wihi*	*i-esi*	*i-wobã*	*i-ruɛ*
3ª.COR	*ɗa-wihi*	*ɗa-esi*	*ɗa-wobã*	*ɗa-ruɛ*

Tabela 4. Raízes nominais da classe II

	'antebraço'	'dente'	'remédio'	'penugem'
'do homem'	*hãbu ɗ-ɛra*	*hãbu dʒ-u*	*hãbu l-ʊahɪ*	*hãbu ɗ-ʊra*
1ª.	*wa-ɗ-ɛra*	*wa-dʒ-u*	*wa-l-ʊahɪ*	*wa-ɗ-ʊra*
2ª.	*Ø-ɛra*	*Ø-u*	*Ø-ʊahɪ*	*Ø-ʊra*
3ª.	*ɗ-ɛra*	*tʃ-u*	*ɗ-ʊahɪ*	*ɗ-ʊra*
3ª.COR	*ɗ-ɛra*	*tʃ-u*	*ɗ-ʊahɪ*	*ɗ-ʊra*

Fortune & Fortune (1964:4) consideram *ɗ-* (em exemplos como *ɗ-ɛbɔ* 'mão'), *l-* (em exemplos como *l-ɔdɪ* 'garganta') e *dʒ-* (em exemplos como *dʒ-u* 'dente') como parte da raiz, postulando regras de 'perda da consoante inicial', para a segunda pessoa, e de 'substituição da consoante inicial' por *ɗ* ou *tʃ*, para a terceira. No entanto, o fato de que a consoante inicial não é parte da raiz é facilmente demonstrável com exemplos envolvendo incorporação nominal, verbalização e nominalização. Quando nominalizados, verbos da classe II receberão a mesma série de prefixos descritos na Tabela 4 — incluindo, naturalmente, o prefixo 'relacional' (5b-d). Quando transformados em verbos intransitivos, temas nominais da classe II ocorrerão com o mesmo prefixo marcador de verbos intransitivos da classe II, zero (6), o mesmo se dando quando um nome da classe II é incorporado a um verbo intransitivo (7).

(5)a. ♂ *dɪarə̃ dʊʊ arɛrakre*
dɪarə̃ dʊ a-r-∅-***ɛra***=kəre
eu 3.LOC 1-CTFG-INTR-***copular***=FUT
'Eu vou copular com ela.'

b. *wadɛrana*
wa-d-***ɛra***-dã
1-REL-***copular***-NOM
'minha namorada'

c. *ɛrana*
∅-***ɛra***-dã
2-***copular***-NOM
'tua namorada'

d. *dɛrana*
d-***ɛra***-dã
3-***copular***-NOM
'namorada dele'

(6) ♂ *dɪarə̃ arunə̃kre*
dɪarə̃ a-r-∅-***u***-də̃=kəre
eu 1-CTFG-INTR-***dente***-VERB=FUT
'Eu vou adquirir dentes (uma dentadura).'

(7) a. *wadʒu raθihekre*
wa-d-***u*** ∅-r-a-θɪhɛ=kəre
1-REL-***dente*** 3-CTFG-INTR-tirar=FUT
'Meu dente vai ser arrancado.'

b. ♀ *karuθihekre*
ka-r-∅-***u***-θɪhɛ=kəre
1-CTFG-INTR-***dente***-tirar=FUT
'Eu vou ter o meu dente arrancado.'

Prefixos relacionais ocorrem em pelo menos cinco das doze famílias do tronco Macro-Jê: Jê, Boróro, Ofayé, Karirí (Rodrigues 1994) e Karajá (Ribeiro 1996). As afinidades morfológicas entre o Karajá e a família Jê (bem como as outras famílias do tronco), no que diz respeito à ocorrência de prefixos relacionais, são corroboradas por evidências lexicais (Ribeiro 2002b,c). Por exemplo, a raiz Karajá *ɛra* II 'antebraço', listada acima, é provavelmente cognata da raiz para 'mão' em Jê, reconstruída por Davis (1966:22) como **ɲ-ĩkra*, cujos reflexos na maioria das línguas Jê atuais apresentam alternâncias envolvendo o prefixo relacional e o marcador de terceira pessoa (Panará *s-ikia* 'mão (de alguém)', *ka y-ĩkia* 'tua mão'; Dourado 2001: 191, 193).[5]

[5] Corroborando as correspondências fonológicas entre Karajá *d-ɛra* e Proto-Jê **ɲ-ĩkra*, temos Karajá *dɛ* 'carne' (Proto-Jê **ɲĩ*) e Karajá *ra* 'sobrinho' (Proto Jê **kra* 'filho'). O marcador de terceira pessoa com raízes da classe II na maioria das línguas

No entanto, o caráter 'relacional' do prefixo *d-* (e seus alomorfes) em Karajá é menos óbvio que nas línguas da família Jê, uma vez que este morfema também ocorre na 'forma de citação' de grande parte dos temas nominais da classe II. É o que ocorre, por exemplo, com todas as raízes listadas na Tabela 4 acima. Este é, muito provavelmente, um resultado do enfraquecimento da distinção entre nomes obrigatoriamente possuídos e nomes alienavelmente possuíveis em Karajá (Ribeiro 1996). Com nomes que permanecem obrigatoriamente possuídos, como *e* II 'asa', a natureza relacional do prefixo *d-* é ainda evidente (*hadĩkɛ d-e* 'a asa da galinha', *d-e* 'a asa dela', mas **d-e* 'asa').

Também evidente é o uso do prefixo relacional com temas verbais. Temas verbais transitivos da classe II, como *ʊahɪ-də̃* 'medicar' e *uka* 'rachar', ocorrem com o prefixo *d-* quando não são imediatamente precedidos por um objeto direto pronominal ou por um nome incorporado (8a, 9a). Do contrário, o prefixo relacional é usado (8b, 9b):

(8)a. ♀ *həri waritʃɔrɛ rɪdʊahɪnə̃re*
həri wa-rikɔrɛ ∅-r-ɪ-***d***-ʊahɪ-də̃=r-e
pajé 1-filho 3-CTFG-TRANS-***3***-remédio-VERB=CTFG-IMPERF
'O pajé medicou o meu filho.'

b. *həri rɪwalʊahɪnə̃re*
həri ∅-r-ɪ-wa-***l***-ʊahɪ-də̃=r-e
pajé 3-CTFG-TRANS-1-***REL***-remédio-VERB=CTFG-IMPERF
'O pajé me medicou.'

(9)a. ♀ *kɔdʊ hãlɔkɔɛ kɔrʊ ritʃukare*
kɔdʊ hãlɔkɔɛ kɔrʊ ∅-r-ɪ-***d***-uka=r-e
tracajá onça testa 3-CTFG-TRANS-***3***-rachar=CTFG-IMPF
'O tracajá rachou a testa da onça.'

b. ♀ *kɔdʊ hãlɔkɔɛ rikɔrudʒukare*
kɔdʊ hãlɔkɔɛ ∅-r-ɪ-∅-kɔrʊ-***d***-uka=r-e

Jê é um reflexo do prefixo Proto-Jê **z-* (reconstruído por Davis como parte da raiz em algumas proto-formas); esta consoante corresponde sistematicamente à implosiva alveolar do Karajá (Karajá *ɗi* 'semente', Proto-Jê **zi*). Para um estudo histórico-comparativo dos prefixos relacionais em Macro-Jê, vide Ribeiro (2002b,c).

tracajá onça 3-CTFG-TRANS-3-testa-***REL***-rachar=CTFG-IMPF
'O tracajá rachou a testa da onça (lit. 'testa-rachou a onça').'

A principal diferença entre temas verbais das classes I e II está no fato de que verbos intransitivos da classe I (como *ɗɔɗəkɛ* 'esquentar') são geralmente marcados pelo prefixo *a-*, enquanto verbos intransitivos da classe II (como *uɗəɗə* 'esfriar') são marcados por um alomorfe zero:

(10) a. *bədɛ* *raɗɔɗəkɛra*
bədɛ ∅-r-***a***-ɗɔɗəkɛ=r-a
tempo 3-CTFG-***INTR***-esquentar=CTFG-PERF
'O tempo esquentou.'

b. *bədɛ* *ruɗəɗəra*
bədɛ ∅-r-∅-uɗəɗə=r-a
tempo 3-CTFG-***INTR***-esfriar=CTFG-PERF
'O tempo esfriou.'

1.5. Predicados descritivos

Predicados descritivos derivados de verbos levam as mesmas séries de prefixos que ocorrem com nomes, descritos na Tabela 2 acima: *i-ɗɔɗəkɛ=r-e* [iɗoɗə'kere] 'é quente', *ɗ-uɗəɗə=r-e* [tʃuɗə'ɗəre] 'é frio'. Apesar de serem tradicionalmente analisados como verbos (Fortune & Fortune 1964; Maia 1998), é mais provável que predicados descritivos sejam simplesmente nomes em uso predicativo (Ribeiro 2002d). Entre os argumentos para se tratarem predicados descritivos como nomes, e não verbos, está o fato de que verbos precisam ser *nominalizados* para que possam ser usados descritivamente. Ainda que isto não seja evidente com os exemplos acima, tal fato se torna especialmente claro nos casos em que nomes deverbais são derivados através de modificações internas da raiz verbal correspondente.

Um processo bastante comum para derivar nomes a partir de verbos é o de *substituição consonantal*, através do qual uma oclusiva velar ou uma fricativa glotal na última sílaba da raiz verbal é substituída pela consoante alveolar /r/: ♀ *rika* I 'andar' > *rira* 'a ação de andar',

rira-dʊ 'o que anda', *rira-dã* 'o lugar onde se anda'; *θʊhɔ* I 'lavar' > *θʊrɔ* 'a ação de lavar, *θʊrɔ-dʊ* 'o que lava', *θʊrɔ-dã* 'aquilo com que se lava'; ♀ *uka* II 'rachar' > *ura* 'a ação de rachar', *ɗ-ura-dʊ* 'aquele que o rachou', etc. Note-se que a forma descritiva do verbo é, também, um nome deverbal (11b):

(11) a.♀ *wahɛrana* *rukara*
wa-hɛra-dã ∅-r-∅-***uka***=r-a
1-cozer.se-NOM 3-CTFG-INTR-rachar=CTFG-PERF
'Minha panela rachou (ou foi rachada).'

b. *wahɛrana* *tʃurare*
wa-hɛra-dã ɗ-***ura***=r-e
1-cozer.se-NOM 3-rachar=CTFG-IMPF
'Minha panela está rachada.'

1.6. Posposições

Posposições recebem, em geral, a mesma série de prefixos que ocorrem com nomes da classe I, com exceção do prefixo de terceira pessoa co-referencial *ɗa-*, cuja distribuição é exclusivamente nominal. O morfema reflexivo que ocorre com posposições é, para todas as pessoas, *iθi-* [i'ʃi] (um alomorfe do prefixo reflexivo *eθi-* [e'ʃi], que ocorre com verbos). As posposições *bə̃* 'locativo difuso', *dəkɛ* 'dativo' e *kɪ* 'locativo estático', no entanto, apresentam uma forma supletiva na terceira pessoa (os pronomes *ɗʊ*, *ɗabə̃* e *ɗai*, respectivamente). Note-se que todas as formas supletivas de terceira pessoa começam com a consoante /ɗ/; é possível que tais formas supletivas sejam resquícios de paradigmas posposicionais da classe II.[6]

[6] Ainda que todas as posposições em Karajá pertençam à classe I, na maioria das línguas que apresentam prefixos relacionais, adposições também se dividem em duas classes lexicais, a exemplo do que ocorre com temas verbais e nominais. Em Boróro, a posposição benefactiva *ai*, por exemplo, pertence à classe de temas que

Tabela 5. Algumas posposições do Karajá

	'instrumental'	'locativo difuso'	'dativo'	'locativo estático'	'locativo dinâmico'
'homem'	*hãbu=dɪ*	*hãbu=bə̃*	*hãbu=dəkɛ*	*hãbu=kɪ*	*hãbu=ɗi* [tʃi]
1ª.	*wa-dɪ*	*wa-bə̃*	*wa-dəkɛ*	*wa-kɪ*	*wa-ɗi*
2ª.	*a-dɪ*	*ʊ-bə̃*	*a-dəkɛ*	*a-kɪ*	*a-ɗi*
3ª.	*i-dɪ*	*ɗʊ*	*ɗabə̃*	*ɗai*	*i-ɗi*
REFL	*iθi-dɪ*	*iθi-bə̃*	*iθi-dəkɛ*	*iθi-kɪ*	*iθi-ɗi*

1.7. Direção

O verbo em Karajá também flexiona para indicar direção, de acordo com o ponto de vista do falante. A direção *centrífuga* ('para lá'), marcada pelo prefixo *r-* (12a) ou um alomorfe zero (13a, 14a) indica que o processo é visto como ocorrendo em direção contrária ao falante. A direção *centrípeta* ('para cá'), marcada pelo prefixo *d-* (12b, 13b), indica que o processo é visto como ocorrendo na direção do falante:

(12) a. ♀ *kariwɨkre*
ka-***r***-ɪ-∅-wɨ=kəre
1-***CTFG***-TRANS-3-carregar=FUT
'Eu vou levá-lo.'

b. ♀ *kadiwɨkre*
ka-***d***-ɪ-∅-wɨ=kəre
1-***CTPT***-TRANS-3-carregar=FUT
'Eu vou trazê-lo.'

Todos os verbos são marcados para direção, incluindo aqueles que não indicam movimento (vide *ʊrʊ* 'morrer', no texto abaixo, linha 19). Tal distribuição generalizada da flexão de direção em Karajá deve-se, provavelmente, ao fato de que, ao lado de seu uso estritamente direcional, direção é também usada para assinalar relações de empatia entre participantes do ato de fala e entre narrador e personagens em um texto (Ribeiro 2002).

recebem prefixos relacionais (*i-n-ai* 'por mim', *∅-ai* 'por ele', etc.; Crowell 1983: 94), o mesmo se dando em Karirí com a adposição alativa/dativa/benefactiva *ai* (*e-y-ai* 'para ti', *s-ai* 'para ele', etc.; Ribeiro 2002b), entre outras. Não obstante o fato de que as correspondências fonológicas entre as línguas das diversas famílias que constituem o tronco Macro-Jê sejam ainda pouco conhecidas, é interessante ressaltar o notável paralelismo morfológico entre o Karirí e o Boróro (e, talvez, também o Karajá), no que diz respeito a estas (Boróro *∅-ai*, Karirí *s-ai*, Karajá *ɗai*) e outras adposições.

1.8. Fusão e queda de vogal

Como mencionado antes, prefixos marcadores de voz e valência podem fundir-se com o prefixo pessoal precedente sob certas circunstâncias. Por exemplo, na segunda pessoa da direção centrífuga do modo realis, o prefixo de segunda pessoa *ɗa-* funde-se com o marcador de voz (13a) e, com verbos intransitivos da classe II, a primeira vogal da raiz cai (14a). Note-se que não ocorre fusão ou queda de vogal na direção centrípeta (13b, 14b).

(13) a. *ɗewɨɗe*
ɗa-∅-ɪ-∅-wɨ=ɗ-e
2-CTFG-TRANS-3-carregar=2-IMPF
'Você o levou.'

b. *ɗadiwɨɗe*
ɗa-d-ɪ-∅-wɨ=ɗ-e
2-CTPT-TRANS-3-carregar=2-IMPF
'Você o trouxe.'

(14) a. *ɗʊɗabiɗe*
ɗʊ=ɗa-∅-∅-obi=ɗ-e
3.LOC[7]=2-CTFG-INTR-ver=2-IMPF
'Você o viu (para lá).'

b. *ɗʊɗadobiɗe*
ɗʊ=ɗa-d-∅-obi=ɗ-e
3.LOC=2-CTPT-INTR-ver=2-IMPF
'Você o viu (para cá).'

1.9. Tempo e aspecto

Tempo e aspecto não ocorrem como categorias flexionais em Karajá, sendo marcados por auxiliares e partículas que se cliticizam ao verbo (Tabela 6). Tais morfemas têm sido tradicionalmente analisados como sufixos (Fortune & Fortune 1964, Maia 1998, etc.), mas há claras evidências de que eles são de fato clíticos (Ribeiro 1996). Note-se que os auxiliares também flexionam para direção (e, na segunda pessoa, também para pessoa), um comportamento atípico para um 'afixo'. Além disso, morfemas aspecto-temporais ocorrem com quais-

[7] O pronome *ɗʊ* cliticiza-se opcionalmente ao verbo (vide exemplo (5a) acima, em que o mesmo pronome ocorre em sua forma acentualmente livre, [ɗʊʊ]). Em Karajá, há uma restrição contra a ocorrência de palavras monossilábicas (ou monomoraicas) foneticamente. De modo a satisfazer tal restrição, palavras que são subjacentemente monossilábicas cliticizam-se à palavra seguinte ou, quando isoladas, duplicam a vogal: *bɛ* 'água' [bɛˈɛ], *wa* 'pé' [waˈa], etc.

quer classes de palavras, incluindo nomes (*bʊ=r-e* 'é teu pai'), pronomes (♀ *dikarə̃=kəre* 'serei eu') e posposições (♂ *waɗau ɗəbə̃ra=u=r-e* 'foi durante a juventude de Watau'), uma distribuição típica de clíticos, não afixos.

Tabela 6. Clíticos aspecto-temporais em Karajá

Auxiliares		Partículas	
=(r)e	'imperfectivo'	*=kəre*	'futuro'
=(r)a	'perfectivo'	*=kɛ*	'potencial'
=(r)ɛrɪ	'progressivo'	*=hɛdə̃*	'admoestativo'

1.10. Falas feminina e masculina

O Karajá apresenta diferenças sistemáticas entre as falas masculina e feminina, que podem geralmente ser explicadas por regras fonológicas razoavelmente regulares (Fortune & Fortune 1975, Borges 1997, Ribeiro 2001a). A fala feminina pode ser considerada como a mais conservadora. A fala masculina é geralmente caracterizada pela supressão de uma oclusiva velar que ocorre na forma feminina correspondente (15). A queda da oclusiva velar possibilita a fusão entre vogais (16) e é um processo bastante produtivo, aplicando-se até mesmo a empréstimos (17).

	♀	♂	
(15) a.	*kɔwɔrʊ*	*ɔwɔrʊ*	'madeira'
b.	*kɔhã*	*ɔhã*	'tatu'
c.	*dɪkarə̃*	*dɪarə̃*	'eu'
(16) a.	*hãlɔkɔɛ*	*hãlɔɛ*	'onça'
b.	*ruku*	*ru*	'noite'
c.	*bɛraku*	*bero*	'rio'
(17) a.	*kʊbɛɗa*	*ʊbɛɗa*	'coberta' (do português *coberta*)
b.	*kabɛ*	*abɛ*	'café' (do português *café*)
c.	*bə̃kawa*	*bə̃awa*	'arma de fogo' (da Língua Geral *mukáwa*)

1.11. Fonologia

O texto a ser analisado apresenta vários exemplos de harmonia vocálica, um processo extremamente produtivo em Karajá. O Karajá apresenta um complexo sistema de harmonia vocálica em termos do traço [ATR] 'advanced tongue root' — aparentemente, o primeiro caso documentado deste tipo de harmonia vocálica em uma língua da América do Sul (Ribeiro 2000, 2002a). A harmonia vocálica em Karajá pode ser descrita como um processo de espalhamento regressivo da especificação [+ATR] para vogais [-ATR]. Assim, no exemplo (18) abaixo, a vogal do auxiliar imperfectivo causa assimilação em todas as vogais da raiz verbal precedente. De acordo com seu comportamento — desencadeando, sofrendo ou bloqueando a harmonização — as vogais do Karajá agrupam-se da seguinte maneira:

Tabela 7. Vogais do Karajá: comportamento com relação à harmonia vocálica (Ribeiro 2000, 2002a)

Orais							*Nasais*		
[+ATR]			Opaca	[-ATR]			[+ATR]	Opacas	
i	*ɨ*	*u*		*ɪ*	*i*	*ʊ*	*ĩ*		
e	*ɵ*	*o*		*ɛ*		*ɔ*		*ə̃*	*õ*
			a					*ã*	

(18) [rakoho'ɗere]
∅-r-a-kɔhɔɗɛ=r-e
3-CTFG-INTR-bater=CTFG-IMPF
'Ele bateu.'

Na fala espontânea, é comum a omissão da partícula *=kəre* 'futuro' e do auxiliar *=r-e* 'imperfectivo'. Apesar de não estarem foneticamente presentes, tais morfemas desencadeiam harmonia vocálica — um caso de assimilação *in absentia*. O texto apresenta vários exemplos deste tipo (Linhas 7, 27 etc.). Todos os quatro dialetos compartilham o inventário fonológico listado nas Tabelas 7 e 8. Uma das principais diferenças fonológicas entre os dialetos é a ocorrência, em Karajá do Sul e do Norte, de um schwa em posições átonas, corres-

pondendo a ambientes em que Xambioá e Javaé apresentam uma vogal idêntica à da sílaba seguinte: Karajá do Sul e do Norte *d-ɔrədɔ* 'língua', *bədɛ* 'tempo; mundo, chão'; Javaé e Xambioá *d-ɔrɔdɔ*, *bɛdɛ*. Ainda que sua ocorrência seja restrita a sílabas átonas, é bastante provável que o schwa seja reconstruível para o Proto-Karajá, como sugerido pela existência, em Karajá do Sul e do Norte, de pares mínimos do tipo *ɗəka* 'amarrar' versus ♀ *ɗaka* 'tirar', correspondendo a homófonos em Xambioá. O schwa é transparente à harmonia vocálica: *d-ɔrədɔ=le* (REL-língua=ENF) [dorədɔ'le] 'só a língua' (Javaé e Xambioá [dorodɔ'le]).

O quadro fonológico adotado no presente estudo difere substancialmente daqueles propostos em estudos anteriores (Fortune & Fortune 1963, Cavalcante 1992), tanto no que diz respeito às vogais (Tabela 7), quanto no que se refere às consoantes (Tabela 8). No que diz respeito às vogais, a principal diferença é que a presente análise reconhece contrastes fonológicos entre vogais altas [-ATR] e [+ATR] que foram ignorados nas análises anteriores. Tais contrastes são ilustrados pelos pares mínimos a seguir: *wɪ* 'bom', *wi* 'recíproco'; *bɨ* '(a ação de) responder', *bɨ̰* 'silêncio'; *rʊ* 'coxa', *ru* 'olho, vista'. No que diz respeito às consoantes, a principal diferença diz respeito ao *status* fonológico das consoantes palatais, que, apesar de serem consideradas como fonemas independentes por Fortune & Fortune (1963) e Cavalcante (1992), são muito provavelmente alofones de consoantes não palatais em contigüidade a vogais altas [+ATR] (Ribeiro 2000:86-88).

Tabela 8. Consoantes do Karajá (Fortune & Fortune 1963, *revisado*)

		(tʃ)	*k*
b	*d*	*(dʒ)*	
	ɗ		
	θ	*(ʃ)*	*h*
	l		
w	*r*		

2. KÒTU, KRÒBI, HÃLÒE-WANA

O texto aqui analisado foi narrado em junho de 1993 pelo cacique Ereheni (então com cerca de sessenta e cinco anos), da extinta aldeia de Tytema (Karajá do Norte), localizada na região da barra do Rio Tapirapé (Mato Grosso), e transcrito com o auxílio de um outro falante nativo, Ijeseberi, da aldeia de Hãwalò (Karajá do Sul), Ilha do Bananal (Tocantins). Como o próprio narrador sugere (linha 41), esta é uma versão condensada de um conto tradicional Karajá. Há várias versões deste conto, que diferem em certos detalhes da versão aqui apresentada. Por exemplo, em certas versões, Kynyxiwe cola os pedaços do tracajá, em vez de costurá-los; em uma versão narrada pela finada Alice Kuabiru, de Buridina (Goiás), a advertência do tracajá à onça (linhas 17 e 19) é cantada; finalmente, em versões mais longas, é a juriti quem cura a onça (usando resina de jatobá para reconstituir seus olhos), um detalhe omitido no presente texto (linhas 24 e 25). Contudo, o enredo e os personagens centrais são os mesmos nas diferentes versões.

Além de vários aspectos gramaticais e morfofonológicos, o texto nos permite ilustrar vários recursos discursivos do Karajá, incluindo a ocorrência de ideofones (linhas 22 e 23) e o uso de marcadores atitudinais e da flexão de direção para assinalar relações de empatia e conferir dinamicidade à narrativa. Textos narrativos (especialmente quando narrando eventos conhecidos 'de segunda mão', como mitos) são caracterizados pelo abundante uso da partícula narrativa *rəkɪ*, que tende a cliticizar-se à palavra precedente (como a maioria das partículas discursivas do Karajá). O texto é aqui reproduzido como foi narrado — incluindo exitações, repetições, enganos e frases por concluir, características comuns da fala espontânea. A tradução de alguns exemplos é aproximada, especialmente no caso das várias partículas discursivas. É impossível, dadas limitações de espaço, discutir em detalhes todas as peculiaridades da morfologia Karajá exemplificadas pelo texto. Espera-se, no entanto, que este trabalho sirva de convite para que o leitor examine mais detidamente a beleza e a complexidade desta e de outras línguas indígenas brasileiras.

KRÒBI, KÒTÙ, HÃLÒE-WANA
(O MACACO, O TRACAJÁ E A ONÇA)

1. *ərɔbɪmə̃* *arelɨ̈ɨ̈kre* *akorɛnə̃.* *bədoholabədɛnə̃kɛ.*
ərɔbɪ=bə̃ a-r-ɛ-lɨ̈ɨ̈=kəre a-ko=rɛdə̃ bə-d-∅-ohola=bə-d-ɛdə̃=kɛ
macaco[8]=LOC[9] 1-CTFG-INTR-contar=FUT 2-AL=PL 2-CTPT-INTR-ouvir=2-CTPT-PL[10]=POT
'Eu vou contar-lhes sobre o macaco. Ouçam!'

[8] A forma *ərɔbɪ* 'macaco', caracterizada pela supressão da oclusiva velar, ocorre exclusivamente na fala masculina, indicando, assim, o sexo do narrador. O texto inteiro está na fala masculina, uma vez que tanto o narrador (Ereheni), quanto os personagens (o macaco, o tracajá e a onça) são do sexo masculino. Note-se que a forma *kərɔbɪ*, além de ocorrer na fala feminina, pode também ocorrer na fala masculina (linha 2). A supressão da oclusiva velar não é igualmente obrigatória com todas as palavras que contêm esta consoante (Ribeiro 2001a). Assim, enquanto /k/ é sempre preservado, em ambas as falas, nas partículas *=kəre* 'futuro' e *=rəkɪ* 'partícula narrativa', por exemplo, a supressão de /k/ é opcional em palavras como *kərɔbɪ*, mas obrigatória com outros morfemas, como o prefixo ♀ *ka-* '1ª pessoa irrealis' (♂ *a-*) e a raiz verbal ♀ *rakuθi* 'comer' (♂ *roθi*).

[9] O verbo *ləkɨ* 'contar' (♂ *lɨ̈ɨ̈*) leva objetos marcados pela posposição locativa *bə̃*. Vários verbos nocionalmente transitivos são gramaticalmente intransitivos em Karajá, requerendo objetos marcados por posposições oblíquas. É o caso do verbo *obi* II 'ver' (exemplo 14 acima), cujos objetos são marcados pela posposição locativa *bə̃*, do verbo ♀ *aka* 'achar' (♂ *a*, linha 37), cujos objetos são marcados pela posposição locativa *dɪ* (linha 37), e do verbo *ehu* II 'jogar', cujos objetos são marcados pela posposição instrumental *dɪ* (linhas 4, 5 e 6). O mesmo se dá com o verbo ♀ *rakuθi* 'comer' (♂ *roθi*), que, apesar de ser marcado pelo prefixo *ɪ-* (que marca, em geral, verbos transitivos), leva objetos marcados pela posposição *bə̃*. Ao contrário do que acontece com verbos transitivos, tais verbos não admitem incorporação e não são sujeitos a processos como passivização e antipassivização. Algumas posposições — especialmente *bə̃* — desempenham uma gama de funções sintáticas, assumindo significados um tanto idiossincráticos, algo aliás bastante comum em outras línguas (vide a preposição *de* em português, por exemplo, que, ao lado de sua função mais transparente de marcar relações genitivas e ablativas, desempenha também certas funções mais idiossincráticas, marcando, por exemplo, objetos de verbos como *gostar* e *precisar*).

[10] A exemplo do que ocorre com os auxiliares clíticos, o morfema pluralizador *r-ɛdə̃* também flexiona para direção e, na segunda pessoa, para pessoa. Isto sugere que este morfema tenha sido originalmente (e talvez ainda seja) um auxiliar. Note-se, contudo, que o mesmo (?) morfema ocorre com sintagmas adposicionais (♀ *a-koku* 'para você', ♀ *a-koku=rɛdə̃* 'para vocês') e nominais (♀ *wa-hedoku* 'minha casa', ♀ *wa-hedoku=rɛdə̃* 'nossa casa'), pluralizando morfemas pronominais, mas é, nestes casos, invariável.

2. *krɔbɪrəkɪ* *aõmare* *raɔwɔnãmãrəkɪhɛ*
kərɔbɪ=rəkɪ aõbã=r-e ∅-r-a-ɔwɔ-dã=bã=rəkɪ=hɛ
macaco=NAR ANTEC[11]=CTFG-IMPF 3-CTFG-INTR-topo-VERB=CONV[12]=NAR-ENF
iwamã *rirofimãhã,* *dʊ* *rirofibãhã.*
iwa=bã ∅-r-i-roθi=bãhã dʊ ∅-r-ɪ-roθi=bãhã
jatobá=LOC 3-CTFG-TRANS?-comer=CONT 3.LOC 3-CTFG-TRANS?-comer=CONT
'O macaco, tendo subido [na árvore], ficou lá comendo jatobá.'

3. *kia dʊarəkɪ* *raɔwɔnãmã* *dʊamə̃* *ɔdʊ* *rɛhɛmãnãre*
kia dʊa=rəkɪ ∅-r-a-ɔwɔ-dã=bã dʊabə̃ ɔdʊ ∅-r-ɛhɛbədə̃=r-e
DEM PART=NAR 3-CTFG-INTR-topo-VERB=CONV 3.AL tracajá 3-CTFG-chegar=CTFG-IMPF
'Assim, tendo [o macaco] subido, o tracajá chegou para ele.'

4. *'krɔ́bɪ!'* *'hã!'* *aõma* *'iwaõdɪ* *wadəbɔmə̃*
krɔ́bɪ hã aõbã iwa=õ=dɪ wa-dəbɔ=bə̃
macaco-VOC[13] sim ANTEC jatobá=INDEF=INSTR 1-comida=LOC[14]

[11] O morfema *-bã*, aqui rotulado 'antecipador fático', é usado em exitações, quando o falante não se lembra de imediato o que deve ser dito a seguir. É sufixado aos pronomes *bõ*, quando aquilo de que o falante não se lembra é um nome denotando uma entidade [+humana], ou ♀ *adõ* (♂ *aõ*), quando aquilo de que o falante não se lembra denota uma entidade [-humana] ou um predicado. Assim, no exemplo acima (linha 2), a construção *aõbã=r-e* indica que o que virá a seguir é um predicado imperfectivo.

[12] A partícula *=bã*, provavelmente cognata da posposição homófona, ocorre em construções converbais, assinalando subordinação adverbial. Converbos, comumente chamados 'gerúndios' na tradição descritiva Tupí-Guaraní (Rodrigues 2001:95), são "formas verbais não finitas cuja principal função é marcar subordinação adverbial" (Haspelmath 1995:3, traduzido pelo autor). Em Karajá, converbos são usados para exprimir vários tipos de relações entre eventos, incluindo simultaneidade, seqüencialidade e relações de causa e efeito.

[13] O acento geralmente recai sobre a última sílaba da palavra ([krɔ'bɪ] 'macaco'), exceto no caso de partículas discursivas, da maioria das posposições e de outros morfemas clíticos, que são intrinsecamente átonos ([krɔ'bɪdɪ] 'com o macaco', ♀ [krɔ'bɪnõ] 'algum macaco', ♂ [krɔ'bɪõ]; [krɔ'bɪdə̃] 'o macaco, que engraçadinho'). Vocativos, no entanto, são geralmente caracterizados pelo deslocamento do acento para a penúltima sílaba, como no exemplo acima (linha 4).

[14] Uma tradução mais acurada da locução *wa-dəbɔ=bə̃* talvez seja '*como* minha comida'. A posposição *=bə̃* desempenha uma ampla gama de funções, incluindo a de posposição modal (vide também, na linha 40, *ɔdʊ=bə̃=hɛ* 'como tracajá'). É provável que o marcador de converbos (vide nota 10 acima) seja derivado do uso modal da posposição *bə̃*.

bədehuke.'	*'de!'*
bə-d-∅-ehu=kɛ	de
2-CTPT-INTR-jogar=POT	sim

"Oh, macaco!" "Sim?" "Jogue algum jatobá para eu comer." "Claro!"

5. *rɪbəhəbəhənãre,*			*ɗõbɨlemə̃*
∅-r-ɪ-∅-bəhə-bəhə-də̃=r-e,			ɗ-õ-bi=le=bə̃
3-CTFG-TRANS-3-quebrar[15]-REDUP-VERB=CTFG-IMPF			3-pênis-esfregar=ENF=LOC
idɪ	*rɛamə̃hə̃,*	*idɪ*	*dehumə̃hə̃.*
i-dɪ	∅-r-ɛ-a=bə̃hə̃,	i-dɪ	∅-d-∅-ehu=bə̃hə̃
3-INSTR	3-CTPT-mover=CONT	3-INSTR	3-CTPT[16]-INTR-jogar=CONT

'[O macaco] quebrava [o jatobá], esfregava-o bem no seu pênis e o atirava [para o tracajá].'

6. *'aõkõre,*	*kia*	*õbɨlemə̃*	*idɪ*	*ɗɛaɗɛrɪ,*	
aõkõ=r-e,	kia	∅-õ-bi-le=bə̃	i-dɪ	ɗa-∅-ɛ-a=ɗ-ɛrɪ,	
não=CTFG-IMPF	esse	2-pênis-esfregar-ENF=LOC	3-INSTR	2-CTFG-INTR-mover.se=2-PROGR	
ɗaiɗa		*idʒõdɪɗa*		*bədehu.'*	
ɗai=ɗa		idʒõ=dɪ=ɗa		bə-d-∅-ehu	
3.LOC[17]=PART		algum=INSTR=PART		2-CTPT-INTR-jogar	

"Não, você estava esfregando esse no seu pênis. Por isso, jogue-me outro!"

[15] Esta é uma forma transitivizada do verbo *bəhə* I 'quebrar-se'. Verbos transitivizados são derivados através da afixação do sufixo verbalizador *-də̃* à forma nominal do verbo (Ribeiro 2001). Reduplicação, como no exemplo acima, é usada para indicar o aspecto iterativo.

[16] Ao longo de todo o texto, o narrador adota o ponto de vista do tracajá, como indicado pelo uso da marcação de direção centrípeta com verbos nesta linha e nas linhas seguintes.

[17] Em Karajá, não parece haver advérbios; funções adverbiais são desempenhadas por sintagmas posposicionais. Da mesma forma, orações subordinadas que desempenham funções adverbiais consistem em sentenças nominalizadas seguidas de posposição. Por exemplo, orações marcadas pela posposição locativa *kɪ* assumem um significado causal: *dəkɪ robu=rɛrɪ hãbu rurʊ=re=kɪ* 'ela está chorando porque o homem morreu'. Conseqüentemente, formas posposicionais na terceira pessoa desempenham a função de conjunções: *ɗai* 'por isso', *ɗʊ* 'assim' etc. Tal uso de morfemas locativos como 'conectores discursivos' encontra paralelos em português, onde morfemas como *daí*, *nisso*, etc. desempenham funções semelhantes.

7. *'urilebo*	*araoɾɨ'rəkɪ,*	*dioɾɨ*	*rɪɔrimə̃*
urilebo	a-r-a-ɔrɨ'=rəkɪ,	∅-d-ɪ-∅-ɔrɨ	∅-r-ɪ-ɔrɨ=bə̃
apenas buscar=CONV	1-CTFG-2-buscar=NAR	3-CTPT-TRANS-3-ir.buscar	3-CTFG-TRANS-buscar=ENF
dubehehikihiki		*idɪ*	*raɔwɔnə̃.'*
∅-d-ʊ-bɛhɛ=hiki-hiki		i-dɪ	∅-r-a-ɔwɔ-də̃.
3-CTPT-INTR-descer=ENF-REDUP		3-INSTR	3-CTFG-INTR-topo-VERB

'"Eu vou simplesmente buscá-lo." Então, [o macaco] desce e o leva para cima [da árvore].'

8. *'kakɪɗa*	*biɪoʃikre.'*
ka=kɪ=ɗa	b-∅-ɪ-roθi=kəre
este=LOC=PART[18]	2-CTFG-TRANS?-comer=FUT

"Você vai comer aqui mesmo!"

9. *'ɗiuboɗa*	*wadɪ*	*bubehekre?'*
ɗɪ=u=bo=ɗa	wa-dɪ	b-∅-ʊ-bɛhɛ=kəre
PRON[19]=TEMP=INTER=PART	1-INSTR	2-CTFG-INTR-descer=FUT

"Então, quando é que você virá me descer?"

10. *'idɪ*	*ãnaoɾɨkre,*	*ɗaini*	*riramə̃*	*ara.'*
i-dɪ	ã-d-ã-ɔrɨ=kəre,	ɗa=idĩ	rira=bə̃	a-r-∅-a
3-INSTR	1-CTPT-2-buscar=FUT	PART=DELIB	caminhada[20]=LOC	1-CTFG-INTR-ir

[18] A partícula *ɗa*, quando enclítica, indica 'resolução'. Quando em começo de sentença, é um conector genérico (como a conjunção aditiva *e* do português).

[19] O pronome *dɪ*, bem como os pronomes ♀ *adõ* e *bõ*, descritos acima (nota 10), são usados em construções interrogativas, seguidos dos clíticos interrogativos *=bo* ou *=wɛ*. O pronome *dɪ* forma interrogações genéricas sobre circunstâncias de tempo, local, modo etc. (*dɪ=bo* 'como?', *dɪ=bə̃=bo* 'como? onde?', *dɪ=kɪ=bo* 'onde?', *dɪ=ku=bo* 'quando?', *dɪ=hãwa=rəbɪ=bo* 'de que lugar?' etc.). Como vimos acima, os pronomes *adõ* e *bõ* são semanticamente mais específicos (♀ *adõ=bo* 'o quê?', ♀ *adõ=dɪ=bo* 'com o quê?'; *bõ=bo* 'quem?', *bõ=dɪ=bo* 'com quem?', *bõ=hãwa=rəbɪ=bo* 'do lugar de quem?' etc.). A locução *adõ=bo* também marca questões que requerem respostas do tipo 'sim' ou 'não' (linha 33). Note-se que as partículas interrogativas *=wɛ* e *=bo* podem se cliticizar diretamente a nomes e pronomes que constituem o foco da questão (linha 31).

[20] Este nome, *rira* 'caminhada, passeio', é derivado do verbo ♀ *rika* I 'andar' (♂ *ria*), por substituição consonantal (vide 2.5 acima).

"Eu virei buscá-lo depois. Agora eu vou dar uma caminhada."

11. *rarerəkɪ,* *ɗanɜ̃* *raremɜ̃hɜ̃mɜ̃hɜ̃.*
∅-r-a=r-e=rəkɪ, ɗa=dɜ̃ ∅-r-a=r-e=bɜ̃hɜ̃=bɜ̃hɜ̃
3-CTFG-go=CTPT-IMPF=NAR PART=SIMPATIA[21] 3-CTPT-ir=CTPT-IMPF=CONT-REDUP
'[O macaco] foi indo e indo…'

12. *ɗa aõkõ,* *ʧu* *idɪ* *nɜ̃ide,*
ɗa aõkõ, ɗu i-dɪ ∅-d-∅-ɜ̃i=d-e
PART não sol 3-INSTR 3-CTPT-INTR-levantar.se=CTPT-IMPF

ɗailerəkɪ *ɨwamɜ̃* *riroʃi=mɜ̃* *raremɜ̃hɜ̃.*
ɗai=le=rəkɪ ɨwa=bɜ̃ ∅-r-i-roθi=bɜ̃ ∅-r-∅-a=r-e=bɜ̃hɜ̃.
3.LOC=ENF=NAR jatobá=LOC CTFG-TRANS?-comer=CONV 3-CTFG-INTR-ir=CTFG-IMPF=CONT
'Mas nada, passou um dia e ele ficou lá mesmo, comendo jatobá.'

13. *ɗaile* *riroʃimɜ̃* *raremɜ̃hɜ̃,*
ɗai=le ∅-r-ɪ-roθi=bɜ̃ ∅-r-∅-a=r-e=bɜ̃hɜ̃,
3.LOC=ENF 3-CTFG-TRANS?-comer=CONV 3-CTFG-INTR-ir=CTFG-IMPF=CONT

θohodʒi *ahãdʊrəkɪ* *ɗai* *riwɨ.*
θohodi ahãdʊ=rəkɪ ɗai ∅-r-ɪ-∅-wɨ.
um lua=NAR 3.LOC 3-CTFG-TRANS-3-carregar
'Ele ficou lá mesmo, comendo. Ele passou [lit. 'levou'] um mês lá.'

14. *ɗamɜ̃ɔ* *ɗarəkɪhɛ* *hãlɔɛ* *nade,*
ɗabɜ̃=ɔ ɗa=rəkɪ=hɛ hãlɔɛ ∅-d-∅-ã=d-e,
3.AL=AL PART=NAR=ENF onça 3-CTPT-INTR-ir=CTPT-IMPF

'kɔ́ʤʊ, *aõhebo* *ɗaɗəãnãdɛrɪ.'*
kɔ́ʤʊ, aõ=hɛ=bo ɗa-∅-∅-ʊɗəãdã=ɗ-ɛrɪ.'
tracajá-VOC PRON=ENF=INTER 2-CTFG-INTR-acontecer[22]=2-PROGR
'Então, a onça veio para ele: "Ô, tracajá, o que está acontecendo com você?"'

[21] A partícula =*dɜ̃*, aqui traduzida como 'simpatia' (por falta de termo melhor), indica que o falante considera o evento ou personagens como 'engraçadinhos'. Esta partícula ocorre, em geral, quando se fala de coisas pequenininhas (vide linha 40) ou eventos cômicos (como o fato de o macaco sair despreocupadamente para um passeio, abandonando o tracajá à sua própria sorte).

[22] O verbo *ʊɗəkɜ̃* 'acontecer a, com' recebe como sujeito o experienciador, daí a concordância com a segunda pessoa no exemplo acima.

15. *'kakile* *ərɔbɪ* *boʃierihiki*
ka=kɪ=le ərɔbɪ bo=θieri=hiki
este=LOC=ENF macaco PART=PART=REPET

rɪwarɪmɜ̃ *ramɜ̃hɜ̃re.'*
∅-r-ɪ-wa-rɪ=bɜ̃ ∅-r-∅-a=bɜ̃hɜ̃=r-e.'
3-CTFG-TRANS-1-deixar=CONV 3-CTFG-INTR-ir=CONT=CTFG-IMPF
"Deixando-me aqui, o macaco foi embora."

16. *'kobe* *aõherewɛ,* *waɔru=ʧi* *bədɛa,* *bədɛa.'*
kobe aõ=hɛ=r-e=wɛ, waɔru=ɗi bə-d-ɛ-a, bə-d-ɛ-a
PART PRON=ENF=CTFG-IMPF=INTER 1-testa=LOC 2-CTPT-INTR-mover.se
2-CTPT-INTR-mover.se
"Opa, por que você não pula na minha testa?"

17. *'aõkõre,* *aɔrʊ* *aritʃuahɛnɜ̃.'*
aõkõre, a-ɔrʊ a-r-ɪ-ɗ-ua=hɛdɜ̃
não=CTFG-IMPF 2-testa 1-CTFG-TRANS-3-rachar=ADM
"Não, eu poderia rachar a sua testa!"

18. *'aõkõrehɛ,'* *aõma* *'araɔlədʊnɜ̃*
aõkõ=r-e=hɛ, aõbã a-r-a-ɔlədʊ-dɜ̃
não=CTFG-IMPF=ENF ANTEC 1-CTFG-2-aparar(?)-VERB

waɔrʊdoriɗihi *iɗerere.'*
wa-ɔrʊ=dori=ɗihi i-ɗɛrɛ=r-e
1-testa=porque=ENF 3-duro=CTFG-IMPF
"Não, eu seguro (?) você, porque minha testa é dura."

19. *'ʧiɔhɛ* *rare,* *bədʊruhɛnɜ̃.'*
ɗiɔ=hɛ ∅-r-∅-a=r-e, bə-d-∅-ʊru=hɛdɜ̃.'
PART=ENF 3-CTFG-INTR-ir=CTFG-IMPF 2-CTPT-INTR-morrer=ADM
"Deixe pra lá! Você poderia morrer!"

20. *'kõre,* *bədɛakre.'*
kõ=r-e, bə-d-ɛ-a=kəre
NEG=CTFG-IMPF 2-CTPT-INTR-mover.se=FUT
"Não, venha!"

21. *ɗai* *ɗahɛ* *aõma,* *'arɛaθabohɛ,*
ɗai ɗa=hɛ aõbã, a-r-ɛ-a=θa=bo=hɛ,
3.LOC PART=ENF ANTEC 1-CTFG-INTR-mover.se=PART=PART=ENF

biidʒekreɗa.'
b-∅-ɪ-idʒe=kəre=ɗa
2-CTFG-TRANS-procurar=FUT=PART
'Então, [o tracajá resolve]: "Eu vou pular! Cuidado!"'

22. *ɗarəkɪ* *dɛade* *wiiiiiii* *hɨdʒakãbɛ*
ɗa=rəkɪ ∅-d-ɛ-a=d-e wiiiiiii hɨdʒakãbɛ
PART=NAR 3-CTPT-INTR-mover.se=CTPT-IMPF 'CAINDO' 'QUEBRANDO'

iɔrʊ *ritʃuahakã*
i-ɔrʊ ∅-r-ɪ-ɗ-ua-hakã
3-testa 3-CTFG-TRANS-3-rachar-grande
'Então, [o tracajá] saltou, e rachou muito a testa dela [da onça].'

23. *ɗʊhukãle* *rəkɪləhə* *hãlɔɛ* *ra,* *ɗaɗaɗaɗaɗa* *tʃĩbõ*
ɗʊ=hukã=le rəkɪ=ləhə hãlɔɛ ∅-r-∅-a, ɗaɗaɗaɗaɗa tʃĩbõ
3.LOC-grande-ENF NAR=COMP onça 3-CTFG-INTR-ir 'CORRENDO' 'PULANDO.N'ÁGUA'

bɛratʃi *reθe*
bɛra=ɗi ∅-r-ɛ-θɛ
água=LOC 3-CTFG-INTR-cair=CTFG-IMPF
'Assim mesmo, a onça, coitadinha, foi embora, [enquanto o tracajá] correu e pulou na água.'

24. *rariamã* *raremãhã,* *rariamã*
∅-r-a-ria=bã ∅-r-∅-a=r-e=bãhã, ∅-r-a-ria=bã
3-CTFG-INTR-andar=CONV 3-CTFG-INTR-ir=CTFG-IMPF=CONT 3-CTFG-INTR-andar=CONV

raremãhã, *rariamã* *raremãhã,*
∅-r-a=r-e=bãhã, ∅-r-a-ria=bã ∅-r-∅-a=r-e=bãhã,
3-CTFG-ir=CTFG -IMPF=CONT 3-CTFG-INTR-andar=CONV 3-CTFG-INTR-ir=CTFG-IMPF=CONT

lʊahɪrəkɪ *riidʒɛmã* *raremãhã.*
l-ʊahɪ=rəkɪ ∅-r-ɪ-∅-idʒɛ=bã ∅-r-a=r-e=bãhã
REL-remédio=NAR 3-CTFG-TRANS-3-procurar=CONV 3-CTFG-INTR-ir=CTFG-IMPF=CONT
'[A onça] foi andando, andando, andando, em busca de remédio.'

25. *ɗarəkɪ* *rɪɗʊahɪmã,* *aõdɪbo*
ɗa=rəkɪ ∅-r-ɪ-ɗ-ʊahɪ-dã, aõ=dɪ=bo
PART=NAR 3-CTFG-TRANS-3-remédio-VERB INAN=INSTR=DUB

resilʊahɪnãrɛrɪɗa *rɛɨɗɛmã*
∅-r-eθi-l-ʊahɪ-dã=r-ɛrɪ=ɗa ∅-r-∅-ɛɨɗɛ=bã
3-CTFG-REFL-REL-remédio-VERB=CTFG-PROGR=PART 3-CTFG-INTR-curar.se=CONV

ɗarəkɪ *diorɨ.*
ɗa-rəkɪ ∅-d-i-∅-ɔrɨ
PART-NAR 3-CTPT-TRANS-3-ir.buscar
'[A onça], depois de se medicar (com o que quer que seja) e ficar curada, foi em busca [do tracajá].'

26. *dəkɪ* *ɔwɔrʊrəbʊ* *lʊʊkənõ,* *aõma* *ãhu-bero-nihikã=kɪ*
dəkɪ ɔwɔrʊ rəbʊ l-ʊʊ=kədã, aõbã ãhu-bero-dĩhikã=kɪ
ele/ela árvore morte REL-amor,gosto.por=PART ANTEC lago-rio-grande=LOC

r-oi=mãhã.
∅-r-∅-oi=bãhã.
3-CTFG-INTR-deitar.se=CONT
'Eles [os tracajás] gostam de árvores mortas e ficam na beira de grandes lagos e rios [em cima de troncos caídos, se aquecendo ao sol].'

27. *tʃu-ɗʒeu* *riorɨ,* *rahɛɗɔmã*
ɗu-ɗʒɛ=u ∅-r-ɪ-ɔrɨ, ∅-r-a-hɛɗɔ=bã
dia-meio=TEMP 3-CTFG-TRANS-ir.buscar 3-CTFG-INTR-aquecer.se=CONV

rãirɛrɪmãhã
∅-r-∅-ãi=r-ɛrɪ=bãhã
3-CTFG-INTR-levantar.se=CTFG-PROGR=CONT
'[A onça] foi em busca [do tracajá] ao meio-dia. [Os tracajás] estavam se aquecendo [ao sol].'

28. *ɗarəkɪ* *ɗamã* *rɛhɛmãnã,* *'kaiwɛ* *waɔrutʃi*
ɗa=rəkɪ ɗabã ∅-r-∅-ɛhɛbãdã, kai=wɛ wa-ɔru=ɗi
PART=NAR 3.AL 3-CTFG-INTR-chegar você=INTER 1-testa=LOC

ɗeθeɗe *aõkõɗa.'*
ɗa-∅-ɛ-θɛ=ɗ-e aõkõ=ɗa
2-CTFG-INTR-cair=2-IMPF NEG=PART
'Então, [a onça] chega para ele [um tracajá]: "Foi você que pulou na minha testa, não foi?"'

29. *'aõkõre',* *ɗeebu.*
aõkõ=ɾ-e', ɗeebu
NEG=CTFG-IMPF 'PULANDO.N'ÁGUA'
'"Não," [o tracajá responde], e pula n'água.'

30.*'kaiwɛka* *waɔrutʃi* *ɗeθeɗe* *aõkõɗa.'*
kai=wɛ=ka wa-ɔru=ɗi ɗ-∅-ɛ-θɛ=ɗ-e aõkõ=ɗa
você=INTER=CERT 1-testa=LOC 2-CTFG-INTR-pular=2-IMPF NEG=PART
'"Então, foi você quem pulou na minha testa, não foi?"'

31. *'aõkõre',* *ɗeebu.*
aõkõ=ɾ-e, ɗeebu.
NEG=CTFG-IMPF 'PULANDO.N'ÁGUA'
'"Não," [o tracajá responde], e pula n'água.'

32. *ɗamã* *ɾehɛmãnã.* *ikonanakɪhɛ* *roire,*
ɗabã ∅-ɾ-∅-ehɛbãdã, i-kodãdã=kɪ=hɛ ∅-ɾ-∅-oi=ɾ-e,
3.AL 3-CTFG-INTR-chegar 3-fim=LOC=ENF 3-CTFG-INTR-
deitar.se=CTFG-IMPF
'[A onça] chegou para ele [o tracajá]; ele era o último.'

33. *'kai aõbo* *waɔrutʃi* *ɗeθeɗe* *aõkõɗa'.*
kai aõ=bo wa-ɔru=ɗi ɗa-∅-ɛ-θeɗe aõkõ=ɗa',
você PRO=INTER 1-testa=LOC 2-CTFG-INTR-cair=2-IMPF NEG=PART
'Você pulou na minha testa, não foi?'

34.*aõkõrəkɪ, ɾɪbɛ=õ.* *'kai* *aõbo* *waɔrutʃi* *ɗeθeɗe* *aõkõɗa.'*
aõkõ=rəkɪ, ɾɪbɛ=õ. kai aõbo wa-ɔru=tʃi ɗa-∅-ɛ-θɛ=ɗ-e aõkõɗa
NEG=NAR fala=NEG você INTER 1-testa=LOC 2-CTFG-INTR-cair=2-IMPF
NEG=PART
'Nada, nenhuma palavra. [A onça pergunta de novo:] "Você pulou na minha testa, não foi?"

35. *'kaikɔrɪhɛ* *ɗɪɪra.'*
kai=kɔrɪ=hɛ ɗɪɪ=ɾ-a
você=SURPR=ENF ele/ela=CTFG-PERF
''Arrá! Você era ele!'

36.*itʃirəkɪ* *'hõhõhõbɛ'* *hãlɔɛ* *ratʃirɛrɪ,*
i-ɗi=rəkɪ hõhõhõbɛ hãlɔɛ ∅-ɾ-a-ɗi=ɾ-ɛrɪ,
3-LOC=NAR 'ROSNANDO' onça 3-CTFG-INTR-estar=CTFG-PROGR

ɾɪbɔhɔbɔhɔnã.
∅-ɾ-ɪ-∅-bɔhɔ-bɔhɔ-dã
3-CTFG-TRANS-3-quebrar-REDUP-VERB
'A onça ficou rosnando para ele e o quebrou repetidas vezes.'

37. *irəbɪ* *nademãhã* *ɗarəkɪ* *aõma* *ənãsiwɛ*
i-rəbɪ ∅-d-ã=d-e=bãhã ɗa=rəkɪ aõbã ədãsiwɛ
3-ABL 3-CTPT-INTR-ir=CTPT-IMPF=CONT 1=NAR ANTEC Kynyxiwe

itʃi *ɗeade.*
i-ɗi ∅-d-ɛ-a=d-e.
3-LOC 3-CTPT-INTR-achar=CTPT-IMPF
'Então lá vem ele, Kynyxiwe, e o acha.'

38.*kiaɗarəkɪ* *ɾɪɾɛɗiɾɛɗi* *idələ.*
kia=ɗa=rəkɪ ∅-ɾ-ɪ-∅-ɾɛɗi-ɾɛɗi i-ɗələ.
esse=e=NAR 3-CTFG-TRANS-3-costurar-REDUP 3-casco
'E então costurou seu casco.'

39. *ɗai* *ɔɗʊrəkɪ* *ɔɗunihikãwəθɛra,* *nihikã.*
ɗai ɔɗʊ=rəkɪ ɔɗudĩ-hikã=wəθɛ=ɾ-a, dĩ-hikã.
3.LOC tracajá=NAR tartaruga-grande=semelhante.a=CTFG-PERF grande
'Dizem que o tracajá era como a grande tartaruga, grande.'

40. *ənãsiwɛ* *ɾiredʒiredʒiremã* *hɛka* *ɨidʒamãrəkɪnã*
ədãsiwɛ ∅-ɾ-i-∅-ɾɛɗi-ɾɛɗi=ɾ-e=bã hɛka i-ɨla=bã=rəkɪ=dã
Kynyxiwe 3-CTFG-TRANS-3-costurar-REDUP=CTFG-IMPF DESCR 3-
pequeno=CONV?=NAR=SIMP

ɾɔhɔnãmã *ɾatʃimãhã,* *ɔɗʊmãhɛ* *ratʃimãhã.*
∅-ɾ-ɔhɔdã=bã r-a-ɗi=bãhã, ɔɗʊ=bã=hɛ ∅-ɾ-a-ɗi=bãhã.
3-CTFG-sair=CONV 3-CTFG-INTR-estar=CONT tracajá=LOC=ENF CTFG-INTR-
be=CONT
'Tendo Kynyxiwe o costurado, acabou ficando [lit. saindo] pequeno, como de fato são os tracajás.'

41.*kiɛ* *idʒɨiɗəbolemã* *akorɛnã* *ɾ-e-lɨɨ.* *kiɛ.*
kiɛ ilɨɨ ɗəbɔ=le=bã a-ko=ɾ-ɛdã ∅-ɾ-ɛ-lɨɨ. kiɛ.
assim história[23] curto=ENF=LOC 2-para=CTFG-PL 3-CTFG-INTR-contar assim
'Eis a história curta que eu contei para vocês. É assim.'

[23] Este nome, *ilɨɨki* [idʒɨ'kɨ] 'história, conto' (♂ *ilɨɨ*), é derivado do verbo *lɨɨki* 'contar' (♂ *lɨɨ*). Vários nomes deverbais apresentam o prefixo cristalizado *i-*, que palataliza a consoante inicial da raiz quando esta é alveolar ou dental. Um exemplo adicional: a forma nominal do verbo *θɛ* 'cair, saltar; dançar' (linha 23) é *iθɛ* 'queda, dança', pronunciada [i'ʃɛ]. Nomes assim formados pertencerão à classe I (*wa-iθɛ* 'minha dança', *i-iθɛ* 'dança dele', etc).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Mônica Veloso. Diferenças entre a fala feminina e a masculina na língua Karajá (Brasil). *In II Jornadas de Lingüistica Aborigen* (Actas). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1994.

BORGES, Mônica Veloso. *As falas masculina e feminina em Karajá*. Dissertação de mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.

CALVACANTE, Marita Pôrto. Fonologia do Karajá *In Revista do Museu Antropológico1*. Goiânia: Editora da UFG, 1992.

CROWELL, Jan. *Gramática Pedagógica Borôro*. Arquivo Lingüístico, 164. Brasília:SIL, 1983.

DAVIS, Irvine. Comparative Jê phonology *In Estudos Lingüísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, 1:2.10-24, 1966.

DOURADO, Luciana Gonçalves. 2001. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.

FIALHO, Maria Helena Sousa da Silva. *Neologismos em Karajá*. Dissertação de especialização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

FORTUNE, David & FORTUNE, Gretchen. *The phonemes of the Karajá language* (*manuscript*). Rio de Janeiro: Arquivo Lingüístico do Museu Nacional, 1963.

_____. *Karajá grammar* (unpublished manuscript). Rio de Janeiro: Arquivo Lingüístico do Museu Nacional, 1964.

_____. *Karajá men's women's speech differences with social correlates*. Arquivos de Anatomia e Antropologia 1. Rio de Janeiro: Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, 1975.

FORTUNE, David. *Gramática Karajá: um estudo preliminar em forma transformacional*. Série Lingüística 1, 101-161. Brasília: SIL, 1973.

HASPELMATHaspelmath, Martin. The converb as a cross-linguistically valid category. *In* Haspelmath, Martin (editor), *Converbs in Cross-Linguistic*

Perspective: Structural and Semantic Aspects of Adverbial Verb Forms, 1-55. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995.

MAIA, Marcus. *Aspectos Tipológicos da Língua Javaé*. München: Lincom Europa. [Publicação de dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.],1998.

RIBEIRO, Eduardo Rivail. *Morfologia do verbo Karajá*. Dissertação de mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1996.

_____. [ATR] vowel harmony and palatalization in Karajá. *In Santa Barbara Papers in Linguistics*, Vol. 10: Proceedings of WAIL 2000, p. 80-92. Santa Barbara: University of California, 2000.

_____. Valence, voice, and noun incorporation in Karajá. Trabalho a ser publicado nos Proceedings of BLS 27. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 2001.

_____. Female versus male speech in Karajá. Trabalho apresentado no encontro da Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas (SSILA)/4th Workshop on American Indigenous Languages. Santa Barbara, 6 de julho de 2001, 2001a.

_____. Direction in Karajá. In Fernández, Zarina Estrada & Ciscomani, Rosa María Ortiz, *Memorias del VI Encuentro Internacional de Lingüística en el Noroeste*, p. 39-58. Hermosillo, Sonora, México: Editorial UniSon, 2002.

_____. Directionality in vowel harmony: the case of Karajá Proceedings of BLS 28: General Session and Parassession, 475-485. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 2002a.

_____. Relational prefixes and the 'Macro-Jê hypothesis.' Trabalho apresentado no 7th Workshop on Structure and Constituency in the Languages of the Americas. University of Alberta at Edmonton, Canada, 2002b.

_____. Prefixos relacionais no tronco Macro-Jê: um estudo histórico-comparativo. Trabalho apresentado no II Encontro Macro-Jê, Campinas, maio de 2002, 2002c.

_____. On verbs, nouns, and 'adjectives' in Karajá. Trabalho apresentado no 38th Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: Chicago Linguistic Society, 2002d.

RODRIGUES, Aryon. 1952. Análise morfológica de um texto Tupí. *In Logos* 7.15.56-77. Curitiba, 1952.

_____ Morfologia do verbo Tupí. *In Letras* 1.121-152. Curitiba, 1953.

_____. Grammatical affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. Trabalho inédito. Universidade de Brasília, 1994.

_____. Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. Trabalho apresentado na Reunião Anual da ABRALIN/SBPC, julho de 2000, a ser publicado no Boletim da ABRALIN, 2000.

_____. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guaraní. *In Estudos sobre Línguas Indígenas I*, CABRAL, Ana Suelly A. C. e RODRIGUES, Aryon D. (orgs.), 87-100. Belém: UFPA, 2001.

VIANA, Adriana. *A expressão do atributo na língua Karajá*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

WIESEMANN, Ursula. The pronoun systems of some Jê and Macro-Jê languages. *In* Wiesemann, U. (ed.), *Pronominal Systems*, 359-80. Tübingen: Gunther Narr Verlag, 1986.

9

A NATUREZA DOS PREFIXOS RELACIONAIS EM GUARANÍ ANTIGO

Daniele Marcelle Grannier

0. INTRODUÇÃO

Em Guarani Antigo[1] existem diversos sistemas de marcação da relação entre o núcleo de um predicado e seus argumentos externos. A seleção de um deles depende da natureza da estrutura em que ocorrem e da relação que indicam.

Em estruturas verbais transitivas encontram-se diferentes subsistemas que se caracterizam em primeiro lugar pela *seleção das pessoas envolvidas na ação transitiva*: Há um subsistema para a combinação *eu-te* e outro para a combinação *tu-me* (singulares ou plurais). Há um terceiro subsistema, utilizado quando uma terceira pessoa específica constitui o paciente da ação. Nesse caso, o sujeito é indicado

[1]O Guaraní Antigo enfocado neste trabalho é a variedade da língua guaraní falada no século XVII, nas missões jesuíticas da antiga província do Guairá, situadas na região que corresponde, hoje, ao noroeste do Estado do Paraná, no Brasil. Os exemplos citados são extraídos da obra de documentação lingüística realizada pelo padre jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (composta de *Arte, Vocabulario, Tesoro y Catecismo de la lengua Guarani*), publicada pela primeira vez em 1639/1640. Cada exemplo é seguido por uma letra e um número: a primeira é a inicial do texto (A, *Arte*, etc.) e o número indica a página onde o exemplo ocorre. No caso do *Tesoro*, pode haver também a indicação do verso da página (v).